



A CEIFEIRA
MINHOTA

Phot. de
Marques Abreu

PROPRIETÁRIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

33, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600

Numero avulso, 80 reis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (p' palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordenas, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

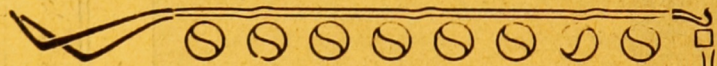
Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n. 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre Jose Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os reverendos P. P. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concelho de subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que recebem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Aito de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos meoiores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



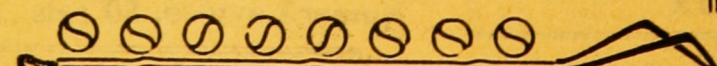
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



José Agostinho

MEZ DE MARIA

Approvado e recommendado pelos Ex.^{mos} Rev.^{mos} Srs. D. Antonio, Bispo do Porto; D. Antonio, Patriarcha de Lisboa; D. Antonio, Bispo de Vizeu; D. Manuel, Arcebispo Bispo da Guarda.

2.^a EDIÇÃO

1 bello volume de 380 paginas,
nitidamente impresso, 600 réis.

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA
PORTO

Pedido aos depositarios geraes: *Livraria Magalhães & Moniz*, 11, Largo dos Loyos, 14. *Livraria Lopes & C.^a*, 123, Rua do Almada.

Pegam o nosso Catalogo d'Obras Religiosas.

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

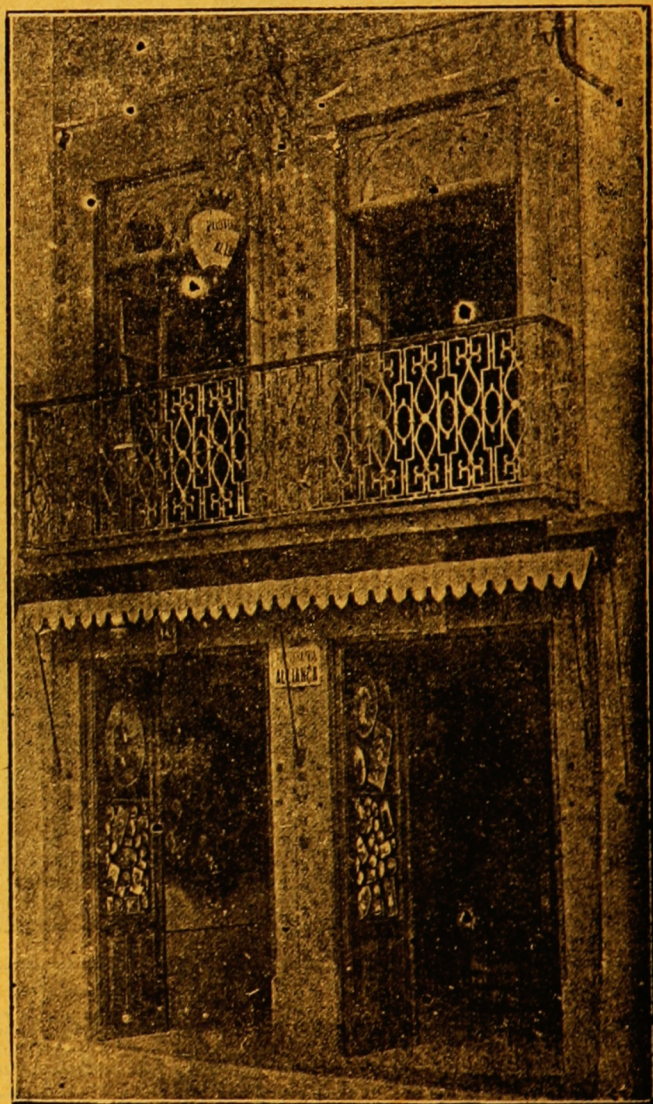
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manuel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria.



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

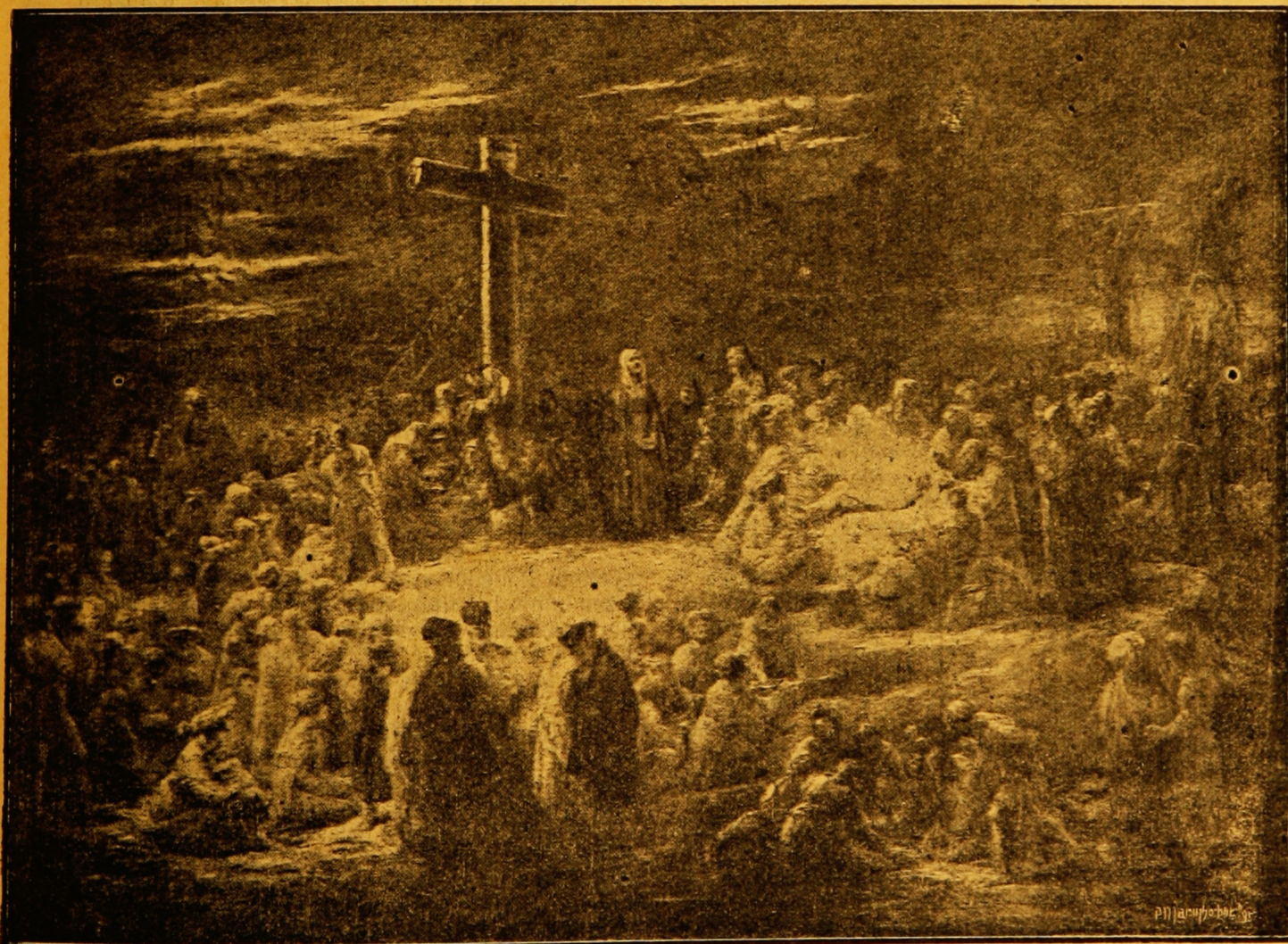
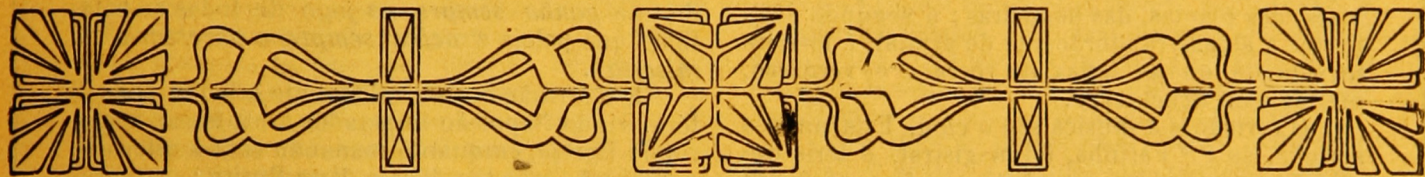
Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Paratra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Vellos
EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 1 de Junho de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 257—Anno V



O CALVARIO

Esboço de Domingos Sequeira, existente no Museu de Bellas Artes

CHRONICA DA SEMANA

Uma romaria e uma historia

BEM se importou o tripeiro heroico com a grêve do pessoal dos electricos. Zangou-se com a defeita, fez-lhe um rumor hostil em volta das reclamações, como vingança. Mas nem por isso se recusou a palmilhar ha oito dias a estrada do Porto a Mattinhos, em farandola, de manhã muito frêsko e airoso, á tarde a cantarolar cheio de pó, a suar achamboado da caminháda, com a ossáda n'um feixe e a cabeça azoáda da taina e do calor, isso é dos livros!

Romeiros, á moderna e em Portugal, são sempre assim. O arraial é a grande funçanáta. Vae-se á igreja rezar ao Santo, e sahe se d'ella para a merenda... vertiginosa, em honra do mesmo festejado. Qualquer coisa de pagão, que está a pedir o descriptivo crú d'um Huysmans e o zarguncho sangrento d'um Fialho, o primeiro para bem classificar, em comparações vivas, o espectacularo scenario dos templos onde o Santo parece afogado, secundarisado, lá ao fundo d'um nicho escondido, pelos arrebuques das rendas, dos franjados, das luzes, das plantas, das bandeiras; o segundo para narrar a algazarra atordoante do arraial, á torreira inclemente, que as fatias de rôsca e o verdásco, mal deixam aguentar...

O sermão e a musica são o *clou*. Este anno o sermão, do P. Farinha, foi magistral, e teria duplicado em grandeza, no efeito, se fóra proferido do alto do pulpito d'uma cathedral romanica, relicario de tradições bem portuguezas, sem outros atavios que as nervuras architectonicas do estylo, sem outra luz que a coáda atravez das torsões ardentes dos vitraes, a sombra a tacer contra as muralhas largas teias d'aranha, deante d'um d'esses velhos Christos de madeira, de amarello brunido, braços inteiriçados, as rótulas e os ossos das pernas incurvados como varas, um d'esses Christos admiraveis para quem todas as multidões se dirigem apellantes, e em cujo cadaver e cabeça inclinada parece resumir-se tudo o que pode soffrer a carne humana!

Mas o sermão foi magistral, — sem essas profanações do divino, que certa escola ainda traz em curso, mediante aquelles *Coquelin d'église* que no *Enronte* o grande trapista revoltado poz d'escabêche, com todas as suas pedantarias refinadas, allusões mythologicas, essencias de theologia minimizada, sucata de ideias, e um palavriado mórbido de seducções carnaes que a gente vae ao depois topar nas chronicas dos derrancados symbolistas de cotés nocturnos — uma praga! O sermão foi grande e como devia sêr...

Braz Burity cá fóra, incorrigivel, desatou o novello de umas recordações de outros tempos. Vá de contál-as para amenisar, sem intuito d'irreverencia, a chronica corrente, uma vez que a libertação dos presos politicos dando para artigo de fundo, com citações cathedricas do Le Bon e lentas glosas ao dictado *quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre*, não me daria ensanchas a prender sem bocejarem, meia duzia de fieis leitores d'estas anotações um tanto *à la diable*.

Foi ha annos, n'uma igreja d'além Tejo, salvo erro, n'um domingo de festa.

Na véspera á noite, Burity, o prégador e um rapaz amigo d'ambos e chamado Napoleão, jogavam uma bisca pacáta, ao fim da qual o homonymo do Corso havia ganho aos dois parceiros quanto tinham.

Cahi-lhe em cima o anáthema do clérigo e

tão vehemente que Burity preveniu logo o visado de que se acautellasse, que o parceiro era capaz de lhe pôr a vida ao sol, no dia seguinte no sermão. Isso seria o mais facil, respondêra o prégador.

— Do que não és capaz é de la mettêres uma phrase que eu escolha.

— Aposto. Cinco mil reis para os pobres e a condição de a phrase não ter nada de obscêno.

— Pois a vêr!...

No dia seguinte Braz com Napoleão, iam a subir para o côro, quando o sacristão lhe veio perguntar de mando do orador qual era a phrase. Braz, que nem em tal pensára, sáe ao adro, vê n'um muro fronteiro o cartaz de uma revista então em voga, lê-lhe o titulo e responde ao comissionado:

— Diga-lhe lá que a phrase é: *Talvez t'escreva!* Foi-se o sacristão meio espantado, voltando logo depois para dizer em nome do padre que *essa... cinco vezes!* Eis que o prégador surge no pulpito e debita d'este modo:

— *Napoleão*, esse Corso, esse bandido coroadado que *ganha sempre no jogo* de todas as batalhas, que *peleja e deixa sempre o adversario na miseria...*

E o sermão correu, eloquente e bello, por alli fóra, vindo Napoleão imperador a confessar a gloria da Igreja, enquanto rosnando com a estocáda, o Napoleão jogador dizia a Braz Burity:

— Já apanhei a minha conta! Falta a aposta.

Dentro em pouco o orador tracejava o quadro do antigo Portugal levado pela mão da Fé aos páramos do triumpho, para o cotejar com o Portugal da decadencia, a alma deserta de esperanza, destruindo todas as illusões.

— Perde a aposta! dizia Braz Burity.

Eis, porém, que o prégador endireitando o busto e fitando a imagem de Nossa Senhora das Graças, exclama:

— Mas eu sou crente e portuguez! E parece-me vêr d'aqui a Virgem das Graças voltar-se para a minha Patria e bradar-lhe: *talvez te escrêva, talvez te escrêva... talvez te escrêva!* *Talvez te eserêva*. Portugal, *talvez te escrêva* novas paginas de victoria e esplendor...

Burity atónito, mordendo o froixo de riso, sahira de roldão pelas escadas do côro abaixo. Quando pisava o ultimo degrau, ainda ouviu a voz do padre:

Voltemo-nos para a Virgem das Graças! Com ella, *se ganham apostas* no taboleiro dos destinos da nacionalidade!

A' porta, Burity topa um companheiro, de apellido Penêdo, que, de genio irrequieto estivera fazendo um barulho perturbador, nos humbraes do guarda-vento. O prégador já o notára zangado. Penêdo ouvindo de Burity o que acabava de passar-se, ia a lançar-se por entre o povoléu, igreja dentro.

— *Detem te, penêdo!* clama lá de cima o orador, e Penêdo pára. *Detem-te, penêdo de Jerusalem, diz Isaías...* E Penêdo voltou para traz calado, em bicos de pés. Eis feita a chronica.

O leitor já sabe pelas gazêtas que Sidonio Paes esteve no Porto, que no Palacio a alta roda o ovacionou... Para quê repetir-lhe que elle é hoje o arbitro supremo, o *rei miliciano*, como lhe chamava ha pouco a *Clarinha*, das cartas do órgão do sr. Ayres d'Ornellas que Homem Christo, Filho, deixou ha pouco em estado comatoso, — sob o ponto de vista politico seja dicto... — F. V.

Vida Intensa ⁽¹⁾

POR ARTHUR BIVAR.



ACORDARAM os sabios denominar naturaes umas sciencias que desnaturam a natureza. A sciencia, não hesito em dizê-lo, é a grande inimiga do homem. Vamos entendendo melhor a Biblia, agora, depois de tanta surriada, dos encyclopedistas enchumachados de orgulho scientifico! A arvore do bem e do mal, plantada no paraizo, era a arvore da sciencia. E nós ainda não tinhamos entendido bem aquella pagina sagrada. Começamos a lê-la melhor agora, à luz dos arcos voltaicos, commentando-a com os telegrammas da guerra em que collaboram todas as sciencias na obra humanitaria de matar, por grosso e a retalho, o mais chimica e physicamente possivel.

Com os olhos postos na exposição de rosas, que fui visitar Domingo passado, ao Theatro Circo, deixei errar a phantasia por alturas a que o introito desta chronica parece quer içar os leitores! Do que os livra o velho Horacio, com o preceito da observancia dos logares. Não é aqui logar proprio para investigar por que fatal maldição o genero humano vae colhendo, da arvore da sciencia, mais o fructo amargo do mal do que o fructo saboroso do bem...

Nem as flôres, minhas senhoras, nem as flôres escaparam! A sciencia que matou as nymphas e os satyros, despovoando os bosques, as fontes, os lagos, os montes, nem as flôres poupou! Os sabios das taes sciencias naturaes fizeram ás flôres da terra o que outros sabios, chamadas grammaticos, fizeram ás flôres do espirito, ás obras primas da litteratura. Foram se a estas os grammaticos e esquartejaram, dissecaram, annotaram, numa verdadeira orgia de canibaeas, para offerecerem aos nossos filhos, nas escolas, umas coisas horriveis chamadas *selectas*, *florilegios* ou *anthologias*—três palavras que apontam, já de per si, á semelhança com as violencias que o homem sempre fez ás flôres...

A sciencia foi-se ás flôres e arrancou-lhes o seu maior brazão de gloria, porque o homem não se contentava com a barbaridade de as colher. As flôres, botando cada primavera da terra em cujo seio todos repousaremos, pareciam pregoeirias de ressurreição e immortalidade. Colhidas para tocar nossas cabeças e ornar nossos altares, pareciam destinadas pelo pródigo Creador para despertar pensamentos de jucunda esperança, de grato amor. A'quelle que para nós as creara tão bellas na infinita variedade do seu colorido, tão eloquentes na apologia muda da sua contextura admiravel.

Mas á sciencia de um Linneu que entoava hymnos a Deus ao penetrar fábrica maravilhosa das flôres; que confessava vêr sempre por traz d'ellas o dedo da Sabedoria infinita do seu Creador — a essa sciencia succedeu outra que nos quer obrigar a vêr nas flôres taboletas commerciaes! Aquellas côres, aquellas petalas em tão admiraveis disposições, aquelles perfumes — não são obra amoravel do Creador, são producto da *inconsciente selecção*

Exposição de rosas

natural: são *réclames* para atrair insectos ao mel; são taboletas, são o ramo de loureiro que indica aos insectos: *aqui ha mel*, como os outros ao rei da creação: *aqui ha vinho!*

Ouçamos o horrivel sabio John Lubbock, no horrivel livro scientifico *British Wild Flowers in Relation to insects* expôr a horrivel theoria:

«A ellas (ás abelhas) como devedores da belleza dos nossos jardins, da garridice dos nossos campos. A ellas devem as flôres seus perfumes e colorido; mais: devem-lhe a propria existencia na sua fórma actual. A fórma actual, as côres brillhantes, o suave perfume e o mel das flôres, não só se desenvolveram gradualmente atravez da *inconsciente selecção natural* exercida pelos insectos; mas a propria economia das côres, as faxas circulares e as linhas radiadas, a fórma, a grandeza, e posição das petalas, a situação relativa do estame e do pistilo, tudo isso é arranjado com vista ás visitas dos insectos e por fórma que se logre o grande objectivo que essas visitas devem realizar.»

Deus, porém, desaparece, nesta admiravel theoria! O acaso, a *inconsciente selecção natural*, eis o que a sciencia nos dá, em vez do Creador. Se algum floricultor objectar com os disvellos que lhe custa obter uma variedade nova — resigne-se, em obsequio á tal sciencia: essas simples variações dentro dos limites das especies, variações que tanto trabalho consciente lhe custam, são um brinco a par dos resultados que obtiveram os insectos, por esses seculos fóra, por meio da *selecção natural inconsciente*, arrancando da massa cosmica uniforme, descolorida e inodora—tamanha variedade e pompa de fórma, perfume e matiz. Flôres? *Nothing so much as signboards... advertising business... Taboletas e nada mais!*... O *annuncio*, *alma do negocio!*... — escreveu, commentando aquella theoria absurda, outro naturalista inglês, John Gerard...

Mas não foi êste o unico maleficio que as flôres receberam da sciencia. A sciencia que inventou o canhão para matar a cento e quarenta kilometros, inventou tambem liquidos mortiferos, gazes asphixiantes que torturam e matam as flôres, sob pretexto de nos offerecerem rosas azues, dáliaes verdes ou lirios vermelhos! E que ingenhosa minucia nas receitas! Uma fructeira ou um cartucho de papel; volta-se com a campanula para baixo; as flôres, présas pela haste ou a uma bola de cêra, na fructeira; ou pelo canudo, no cartucho; sujeitem se assim as pobres florinhas, durante quatro a cinco horas, aos vapôres combinados de ether sulphurico e amoniaco liquido... E as rosas vermelhas, os heliotropios, os geranios, fazem-se verdes; as flôres que a natureza fizera brancas fazem-se amarellas—e todas, se as lavarem, durante três ou quatro dias, voltam á côr natural... como muitas senhoras depois do baile.

E o charuto, a cinza do charuto, esse supplemento de sujidade interna e externa com que os selvagens da America se vingaram de quem os descobriu? A sciencia aponta-vos o meio de obter com cinza de charuto que o pelargonio apresente nodos de azul; o lirio branco e a rosa branca, de amarello; a violeta, a pervenca e o geranio, de

(1) Em substituição do nosso querido amigo J. de Faria Machado, que está felizmente convalescendo já da doença que o accommetteu, publicamos esta chronica do nosso amigo dr. Arthur Bivar.

verde; e a flor de moranguito, nodos pretas de tinta como um caderno de escola primaria. Que bella descoberta para o homem sujar as flores, como suja os dentes, os lenços e as salas onde faltam cinzeiros!

Depois, a tremenda chimica, encerra no frasco de essencia Pivert, Houbigant ou Colgate, meio decilitro de uma coisa que cheira a tudo menos ás flores de que foi feita — e essa coisa, destinada a fazer perder a cabeça aos homens e ás mulheres, fez perder a vida a dez mil, a cem mil flores, que a industria colheu, sepultou em sêbo, despojou da côr, do perfume, do succo... — mais barbara que os insectos!

Bem hajam os promotores da exposiçãõ de rosas, que nos offereceram mais uma vez occasiãõ de ir ver o resultado dos esforços de floricultores, que enriquecem o reino vegetal sem martyrizarem as flores... Bem hajam sobretudo pela sublime ideia de nos recordarem, com o fim bemfazejo da recei-

ta obtida, que se as petalas d'aquellas rosas iam alli ser vendidas, e murchar, lá na Crèche da Associação Catholica rebrilhariam suas côres nas faces das creancinhas, pequeninas flores descoloridas pela miseria...

Que sympathicas flores! Maltratadas pela sciencia, vendidas pela industria, sacrificadas á vaidade e ás paixões, ainda assim cooperam com a caridade, movida pela religiãõ, no cultivo de mais bellas flores para gloria do Creador: almas puras de creanças!

Eu louvo os promotores, louvo os expositores, louvo as damas que acorreram á festa, louvo tudo e todos, menos os sabios que maltratam as flores. Possa o mais perverso d'elles algum dia, colhendo alguma n'um ermo, para argumentar com ella, em nome da sciencia contra o Creador, receber na cabeça, do ceu sereno e limpido, em vez das bençãos dêsse Deus em que não crê... uma lata de gazolina!

SERÕES AMENOS

XXXVII

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

Sobre narizes



Al para traz prometti tratar de narizes e não sou homem que prometta e falte.

A materia, porém, é tão vasta que será necessario tratá-la não de uma vez, mas ás pitadas, expressãõ adequada ao assunto narizes.

Para começar dou a palavra ao meu já citado collega italiano, traduzindo lhe o capitulo *Inasi*: os narizes. Depois irei dizendo eu, quando me aprouber. Oçamos o meu collega:

"O grande nariz de Cyrano de Bergerac, sobre o qual, por assim dizer como sobre um eixo, gira o afortunado dramma de Rostand, deu nova vitalidade a um argumento por varios respeitos interessante, o dos narizes; e visto que parece argumento destinado a dar fortuna a quem o trata, não quero deixar de me occupar d'elle tambem.

O proprio Guadagnoli deveu tambem a sua fama precisamente ao *Nariz*, poemeto que fez as delicias das nossas avós e do qual se esgotaram em poucos annos muitas edições. Mas embora o rumoroso exito obtido o haja induzido a pegar ao seu *Nariz* uma longa cauda, pode dizer-se que apenas tocou ao de leve no assunto, tantas são as outras curiosidades a esse respeito, não cantadas em sexta rima pelo faceo poeta toscano.

E para proceder com alguma ordem, começarei por notar que a propria palavra nariz (*naso*) offerece uma particularidade philologica algorara, a saber: que é mais ou menos semelhante em quasi todas as linguas.

Este appendice que nos enfeita o rosto chama-se em sanscrito *nasa*, em grêgo *nesos*, em latim *nasus*, em allemão *nase*, em inglez *nose*, em sueco *nos*, em francês *nez*, etc. vocabulos todos que se ligam ao significado originario, que era o de ilha, promontorio, e, mais propriamente ainda, tudo o que emerge da superficie do mar. O nariz, em relação com os costumes e a legislaçãõ dos varios povos, forneceria ampla materia de estudo. Os varios modos de o adornar encontram-se descritos nos livros de ethnografica, livros em que se descobre outrosim que o nariz se emprêga, nalgumas regiões, em usos dos mais singulares.

Assim, por exemplo, o esfregar nariz contra nariz, entre alguns povos australianos, substitue as nossas chapeladas e os apertos de mão.

(1) Em portuguez *nariz* de *narez* differe; mas temos *nasal* de *nasus*.

Na jurisprudencia penal encontramos o corte do nariz como pena outrora muito vulgar para varios crimes, e *Chassan*, no seu *Ensaio sobre symbolismo do direito* refere o antigo costume que obrigava os calumniadores, quando caminhavam em publico, a levar apertada a ponta do nariz, donde derivou a expressãõ «aperta a ponta do nariz» que se dirige a quem procura lançar as suas culpas a outrem.

Tambem na historia o nariz occupa um lugar, não sendo poucos os personagens cujo nariz foi de algum modo notavel. Cromwell, por exemplo, era já celebre antes das suas proezas, pelo seu nariz vermelho.

Carlos I, conde de Provenza e rei da Apulia foi immortalizado por Dante só por causa do seu grande nariz;

Quel che par si membruto, e che s'accorda
Cantando, con colui dal maschio naso,
D'ogni valor portó cinta la corda,

Purgat. VII, v. 115.

E no mesmo canto Dante recorda Philippe III, rei de França, notavel, ao invéz, pela pequenez do seu nariz

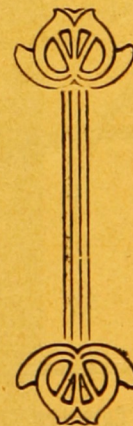
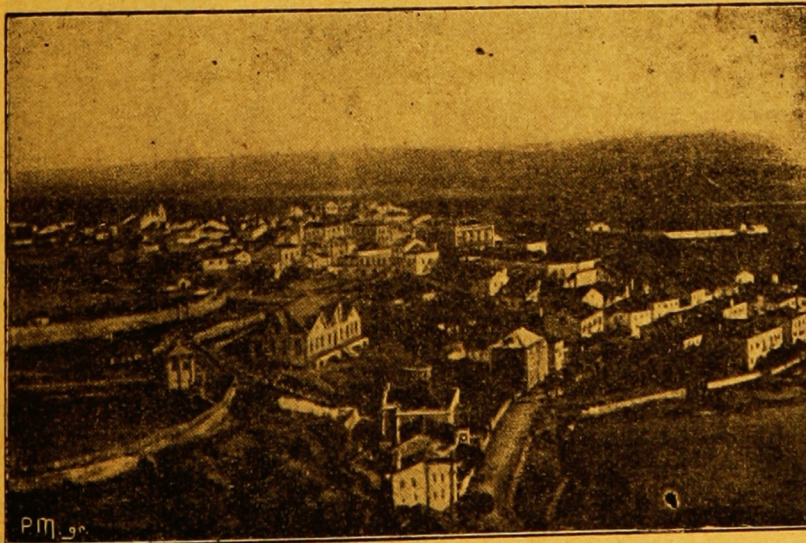
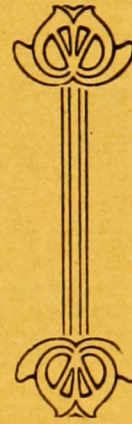
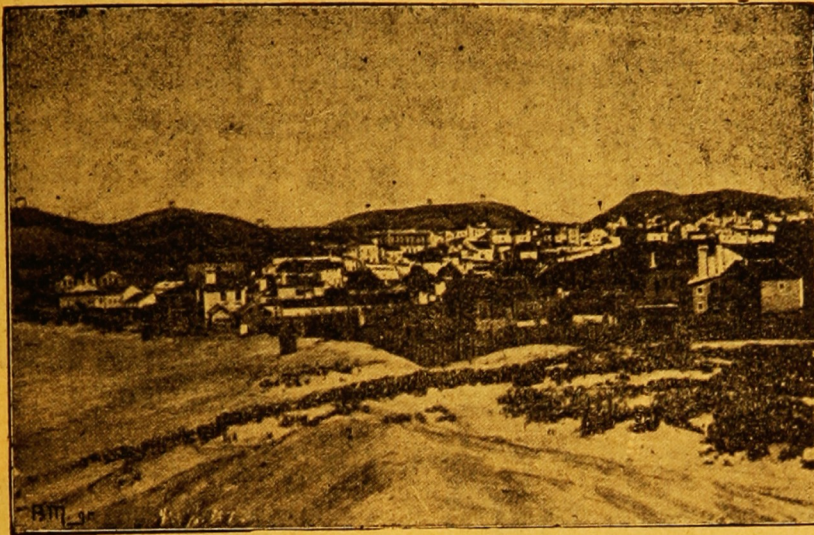
E quel Nasetto che...
Mori fuggendo e disfiorando dil giglio.

Francisco I, rei de França, era cognominado pelo povo, *Grand Nez* e até se conta, sobre êste soberano, uma gostosissima anedocta.

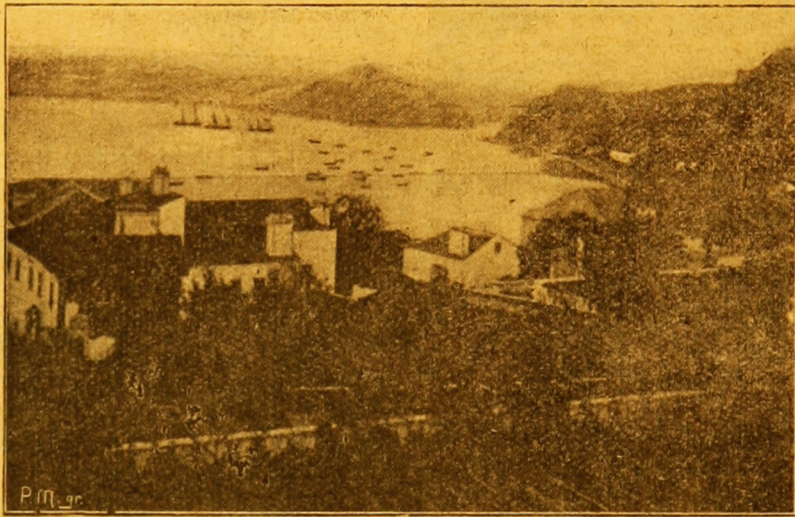
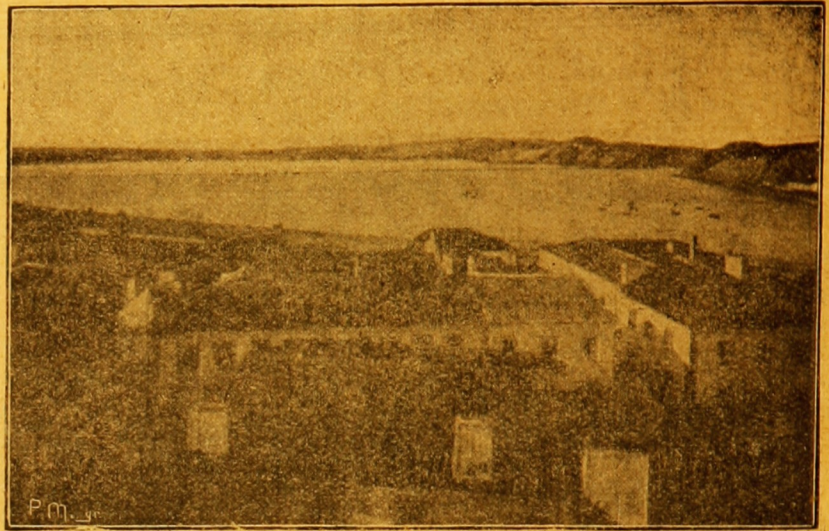
Andando um dia na caça, perdeu-se na floresta e entrou na cabana de um carvoeiro. Este, tomando-o por um fidalgo do sequito real, offereceu lhe o jantar, mas sentou se no melhor logar da mesa, pedindo ao hospede que o não levasse a mal, porque, conquanto carvoeiro, tinha tambem a sua divisa: *Charbonnier est maître chez soi*. O rei, a quem agradou o espirito d'aquelle homem, socegou-o, e o carvoeiro, por seu turno, encantado com a jovialidade do genti-homem, acabou por lhe servir javali, apanhado naturalmente na tapada real, recomendando-lhe, porem, que não dissesse nada ao *Grand Nez*.

Pouco depois chegou o sequito do rei, e o carvoeiro logo comprehendeu que o seu convidado era precisamente o *Grand Nez* em pessoa! Imagine-se a confusão do pobre diabo. O rei, porém, perdoou-lhe, e a divisa do carvoeiro: *Charbonnier est maître chez soi* acabou por se tornar um dos proverbios mais populares da França. Pitada... e continuaremos.

Praias portuguesas

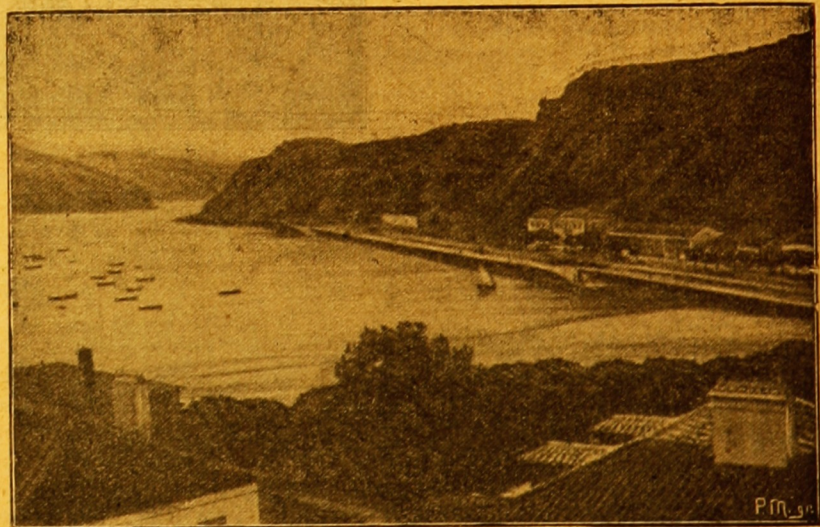


Tres aspectos da villa de S. João do Porto.



AO LEITOR

Depois de lido enviar este jornal à *Junta Patriótica do Norte* (Paços do Concelho—Porto) a fim de esta o mandar para os nossos soldados do "front.,,

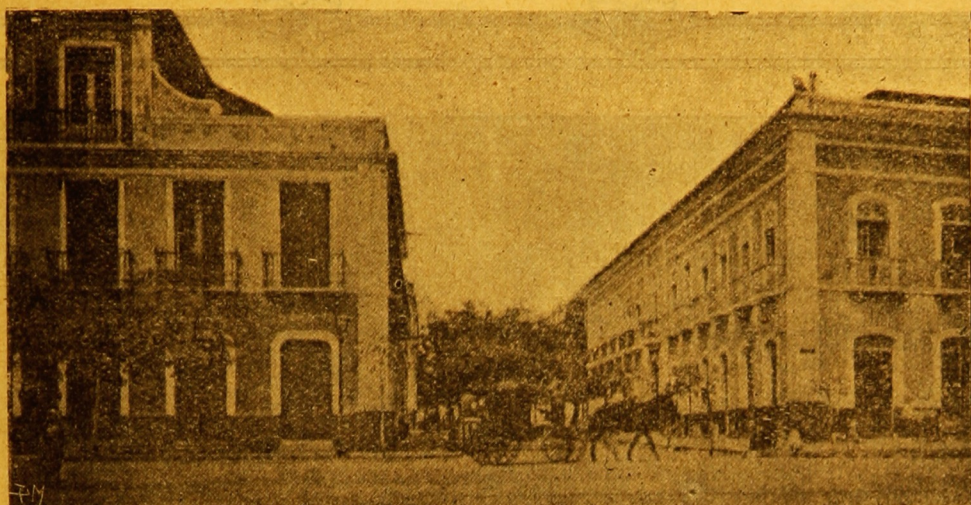


Tres aspectos da Praia de S. João do Porto.

A *Illustração Catholica* querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus Ex.^{mos} assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias destes herois as suas fotografias para aqui serem publicadas em lugar proprio.

Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.

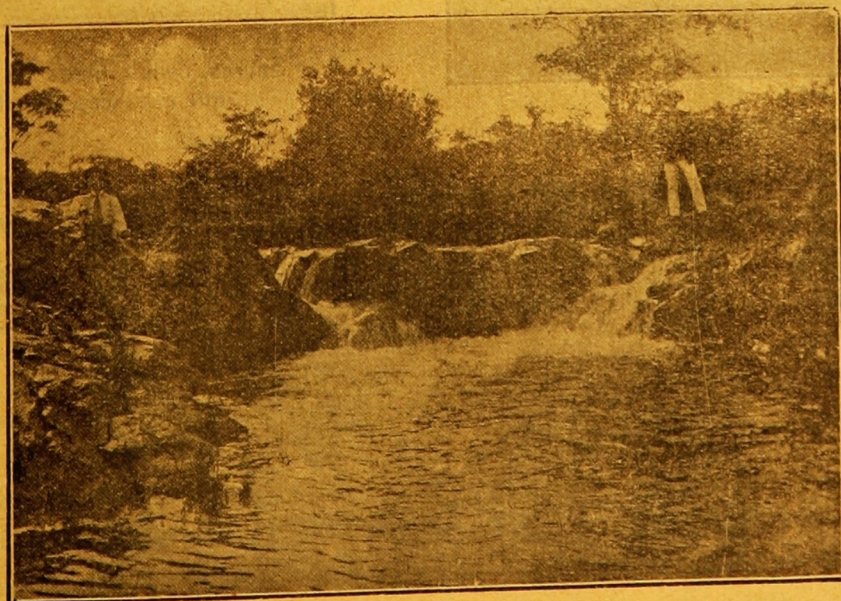
Nas nossas colonias



LOANDA--Rua da Alfandega



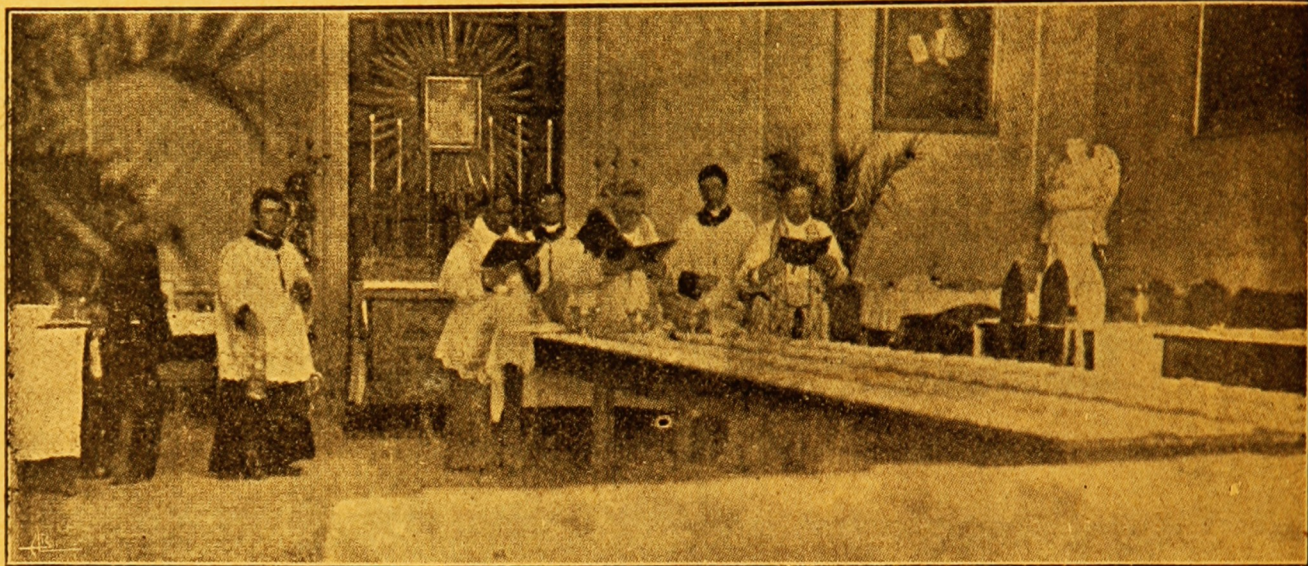
LOANDA—Estação do caminho de ferro



PAISAGEM PORTUGUESA—Passeando no rio, ao pôr do sol

Phot. de Telles Grillo.

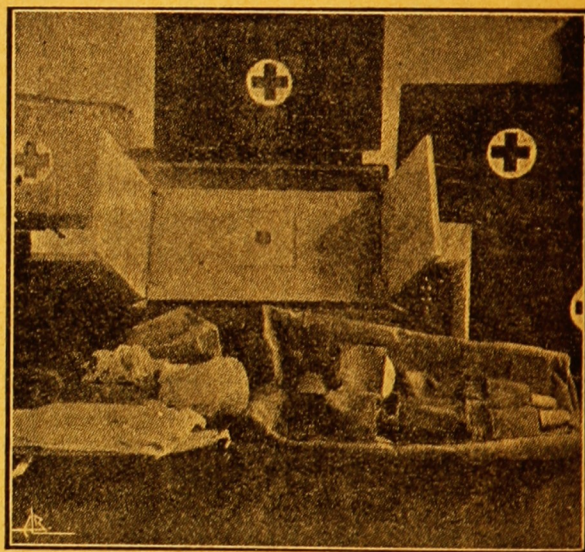
GUERRA EUROPEIA



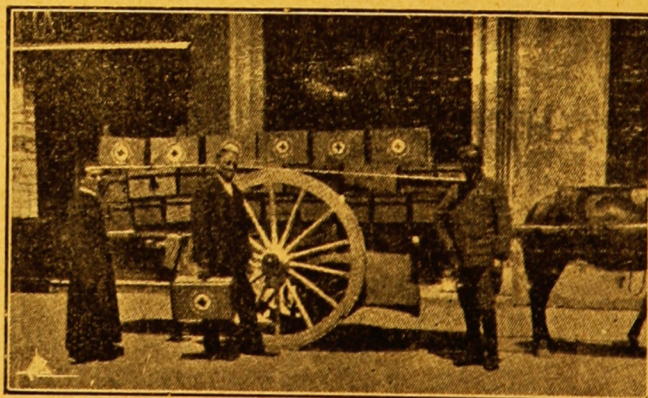
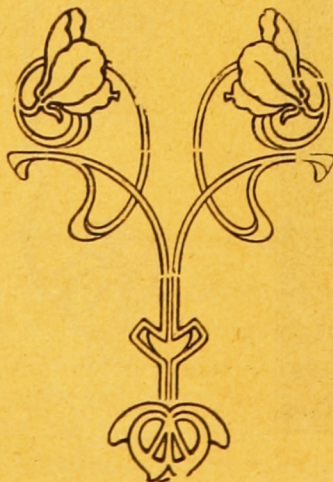
ROMA — A bênção das sacras e juramentos para os capellães militares italianos.



Antes da expedição dos altares ambulantes para a linha



Sacras, calix e todos os objectos religiosos que cada capellão italiano recebe



O transporte para os comboios militares



LENDO E RELENDO

As maravilhas de Braga em 1750

QUANDO me sinto aborrecido, vou á bibliotheca lêr o *Diccionario Chorographico de Portugal*, do padre Luiz Cardoso — a parte impressa, até á letra C, que o resto está manuscripto na Torre do Tombo—e, perante a sua bonhomia, simplicidade e credence, rio-me e volta-me o bom humor.

Pôz lá tudo o que lhe contaram, a respeito das localidades descriptas, sem a menor critica nem reflexão, o que ainda tem seu valor—conservar, em quanto a traça não roer aquelles volumes pouco consultados, as velhas tradições e as isgenuas credences do povo.

O artigo *Braga* é dos mais curiosos, escriptos pelo padre, pelas phantasias, áparte o verdadeiro, ainda assim exagerada.

Das coisas notaveis de então, faz exultar na capital do Minho, as seguintes:

I. A agua milagrosa da fonte, junto ás grades da igreja de S. Geraldo, que outr'ora fôra um templo dedicado a Iris. S. Thiago, quando por alli passou, e a viu cercada de devotos, provou-lhes que não tinha virtude alguma, a não ser que a bebessem, depois de n'ella se baptisarem. E assim foi. As virtudes, que tinha no tempo do culto a Iris—phantasia de antiquarios pouco imaginativos—passaram a ser outras, ficando assim desacreditada a velha divindade egipcia, de cabeça de vacca, e substituído o seu templo por uma ermida a Nossa Senhora,

II. A fonte da quinta dos frades Agostinhos, em Semêlhe, cuja agoa era tão fria, que ninguem lá podia mergulhar a mão", o tempo d'um *crêdo*. Outra virtude, ou defeito, tinha — metendo-se-lhe dentro uma garrafa de bom vinho, passados alguns minutos sahia optimo vinagre. Hoje, para fazer vinho ha uma operação muito mais simples que aquella; em vez de deitar as garrafas á

agoa, basta deitar-lhe a agoa dentro, ficando logo convertida em vinho.

III. As velas de cêbo. Nada especialisa a este respeito, mas talvez allumiassem tanto, como o gaz d'agora.

IV. O valeroso feito d'aquelle arcebispo D. Lourenço, heroe de Aljubarrota, que, no dia da batalha de Montes-Claros, para firmar a nossa victoria, se levantou da sua sepultura na Sé, e montando um cavallo branco, sahiu pela crausta fóra, a galope, para acentuar a derrota dos castelhanos, voltando depois á paz do jazigo, a pé. Do cavallo nunca mais se soube.

V. As 12 rações instituidas pelo bispo D. Fernando Guerra, a outras tantas solteiras ou viuvias, todos os annos. Cada ração constava de 50 alqueires de pão, 15 almudes de vinho e 2\$500 reis em dinheiro. Na verdade, *rações* assim fartas, são de memorar, que nem o conde de Ferreira as instituiria tão abundantes.

VI. O *Santo Antonio Esquecido*, a sua imagem, como a de outros collegas, ou por velha, ou por pouco querida do povo, foram retiradas dos seus altares, em S. João de Souto, e arrumadas n'uma capella escusa e escura, do mesmo templo. O Santo, vendo-se assim menos-presado, principiou a fazer milagres em barda, o que se descobriu por, durante uma longa temporada, só se realisarem os que lhe pediam e não os confiados á intervenção dos outros collegas. O povo exaltou-o, dando-lhe a invocação de *Esquecido*.

VII. O formoso açogue, em que se cortava a carne de vaca, carneiro e boi, e quando fôr a Braga hei de ver se lhe encontro os vertigios, para indagar em que consistia a sua belleza.

VIII. A abundancia de agua, na cidade, especializando a *maravilhosa architectura das fontes da porta de Souto e de S. Se-*

bastião. Havia, além d'estas, mais 700, modestas, e 800 poços. Felizes bracarenses de seculo XVIII!

IX. «A confraria do Santissimo Sacramento da Sé, que o festeja com aquelle luzimento que a todo o mundo é notorio.» São palavras do auctor, cuja veracidade não posso avaliar por falta de elementos. Mas deviam ser um portento para as admirar todo o mundo!

X. O melhor pão de milho, que se cochece. Pois agora, meu bom padre Luiz, deixa muito a desejar, talvez por os padeiros o amassarem á pressa, para lerem as gazetas, coisas que n'esse tempo não havia, nem circulava, em Braga.

XI. A festa de S. João «com muitas curiosidades pastoris, em que muito lustram os engenhos da cidade.»

De todas as maravilhas, é a unica, que ainda podemos admirar, assim, com o engenho dos mordomos, a que se deve attribuir talvez á virtude das frigideiras, então certamente desconhidas dos gastrónomos pois, de contrario, o padre Luiz não as esqueceria!

O leitor talvez ainda ignorasse estas coisas maravilhosas, que escabichei e arrolei, nas paginas do citado livro. Por isso deve ficar-me agradecido, e recortar estes apontamentos, mandando-o á *Sociedade Propaganda de Portugal*, á fim de os enclur nos seus *Bedaekers*, para gaudio dos touristes estrangeiros e dos integralistas locaes.

Gil Vaz.

O Pregão das Almas

«Alerta, alerta!
A vida é curta,
A morte é certa!»

Entre duas rajadas gementes do vento sul, que impelia contra as vidraças grossas cordas de agua, ouviu-se um grito, ao longe, nos confins da aldeia. Era quase meia noite e os sinos dobravam a finados, comemorando o dia de Fieis-Defuntos.

Donde partira esse grito? Quem fôra a alma aflita que o soltara?—Estas perguntas fazia-as a si mesmo Eduardo, passeando no quarto com as mãos friorentas no bolso do jaquetão.—Grito de socorro! Quem sabe? Lá baixo a estrada é erma: zig-zagueia por entre sombrias bouças de pinheiros. Por mais que uma vez os ladrões alí saíram a incautos viajantes. E aquella cruz negra junto ás *Alminhas da Reguenga*, comemora um assassinio cruel.—o esquartejamento dum homem, por uma malta de ladrões, numa noite como esta, ha-de haver vinte anos feitos...

E Eduardo, alma sempre generosa, formou tenções de ir por'li fóra, prestar socorro, na ânsia febril de ser útil. Abriu uma frincha da vidraça: o ceu duma negridão lúgubre continuava a peneirar sobre a terra uma chuva glacial e abundante. Nas azas da ventania veio mais distinto o som de tanger dos sinos, por essas aldeias alem, numa mistura de sons que se casavam tristemente com o zunir do vento e o glu-glu das enxurradas que desciam do monte.

Eduardo impressionou-se muito com o toque gemente do bronze e sentiu-se invadido por uma tristeza avassaladora. Lembrou-se então com pungente saudade dos seus mortos queridos:—a mãe que perdera logo aos sete anos; o

pae que o deixara orfão aos quinze, e aos avós, santos velhinhos, que apenas sobreviveram escassos meses... Essa noite lúgubre e triste de 1 de novembro, avivou-lhe a memória, rememorou-lhe episódios da infância—casos ocorridos por essa vida fóra, até áqueles trinta anos de attribulada existência.

Quanto tempo esteve êle imerso em seus pensamentos? Nem ele o sabia. Sentado agora, os cotovêlos apoiados sobre a mesa e o mento entre as palmas, fitava vagamente a estante pejada de livros com o pensamento a divagar pelo Passado...

De longe tornejando os montes, e coando em sonoridades cavas pelas quebradas e pelos vales, o triste toque dos sinos tornava a noite mais tétrica. E nos seus ouvidos esse *Miserere* dos campanarios finha a extranha sonância duma marcha-funebre, executada por defuntos, levando á frente Mozart marcando os compassos do seu *Requiem*. Logo atrás Liszt, correndo os dedos ágeis no teclado dum carrilhão formidável, enchia o espaço de notas tristes, de tristes harmonias, ao som das quais as Willis boémiãs dançavam o seu castigo perpétuo...

Depois outra nuvem de brancos espectros passou na sua mente febril: era agora Bach espalhando as melodias patéticas das suas *Missas* e *Oratórios*, tendo como acólitos Beethoven, Wagner e Meyerbeer, com uma multidão de outros músicos modestos; formando cauda. E agradava-lhe

toda essa música triste, porque a Dor e a Tristeza lhe eram já em excesso familiares.

Deixara quase de chover. Os sinos, por momentos, imudeceram e só, ao longe, parecia que uma sineta dobrava ainda. Da janela aberta Eduardo contemplava agora o céu carregado de nuvens escuras: era a Natureza a associar-se á Dor do Homem, envergando a sua capa de luto! O beiral do telhado estiliçava gotas compassadas. Ali perto pressentia-se uma massa negra rumorejando: eram as arvores do campo proximo e os pinheiros e os eucalitos das tomadias de além.

Ao longe, para lá do monte, o ressoar formidando do mar casava-se estranhamente com o dobre a finados num campanário longinquo, e o rumorejo do arvoredado agora sacudido por uma rajada de sudoeste.

E o grito, ao longe, nos confins da aldeia?



Manuel Boaventura

O grito? O espirito de Eduardo preocupa-se ainda com isso, quando súbito, ali mesmo, no largo da aldeia, soou uma campainha. Estremeceu de pavor!... Donde vinha tal som? Quem era o estranho campanulário que, a horas mortas perturbava o silêncio da aldeia?

Algum doido?—Mas logo uma voz lúgubre, uma voz que parecia vir do outro mundo, gemeu numa toada tristonha, prolongada e arrastada:

—*Alerta, alerta!*
—*A vida é curta,*
—*A morte é certa!*

Não se pressentiu uma folha a mover-se, não rugeu um sapato, nem trabucou um farneco nas soltas pedras do caminho! Sonharia ele? Não? Que era então aquilo?—Ao longe os sinos recommçaram dobrando, agora num campanário, logo noutro. Soava ainda o mar; ventava com menos violência.

Não tinha ainda tempo de reflectir, quando outra voz esmorida, num lamuriento tom de mendigo, suplicou:

—*Lembrai-vos das benditas almas que penam no fogo do Purgatório!*

E logo a voz lúgubre do que gritára o *Alerta*, pediu dolente:

—*Resai por elas!*

E tudo silenciou como por encanto: nem o vento zunia, nem ressoava o mar, nem os sinos dobravam...

Fiat lux! Subitamente fez-se luz no espirito surpreso de Eduardo. A tranquilidade voltou. De novo, nos seus ouvidos, ecoaram os últimos gemidos do bronze; de novo ouviu o ressoar do mar e o zunir do vento. Eduardo lembrava-se: eram os pregoeiros das Almas—uns penitentes que na noite de finados percorrem a aldeia, incognitos, descalços, com a campainha da Confraria baladando nas encruzilhadas,—para acordar os vivos e recordar os mortos!

Quando criança ouvira apavorado, no serão, á lareira falar da *procissão dos defuntos* e dos que apregoaram as almas. Contaram que eram homens envoltos em lençoes, com uma corda á cinta—fantasmas que vagueavam pelos caminhos desertos, á meia noite, campainhando, gritando *Alerta!* e pedindo padre-nossos pelas Almas...

E á memória aflorou-lhe, um pouco diluido nas sombras do passado, um caso ocorrido na mocidade de seu avô e que ele contára, numa noite-de-finados, ha mais de vinte anos.

Isso tinha sido ha bons sessenta, puxadinhos! Nesse tempo, não se erguia ainda a bandeira da Confraria-das-Almas, e, por isso a noite era povoada de espectros, de duendes e de fantasmas de toda a sorte... Os espiritos dos mortos pairavam sobre a terra em silenciosas e apavorantes *procissões-de-defuntos*. Em sua sabedoria a filosofia popular dizia, num rifão, que, desde o toque de trindades ás Ave-marias, a noite era

para os mortos passearem
e os vivos descançarem.

Agora não. Desde que se erigiram por todas essas terras de Cristo as confrarias, as almas-penadas descançam no outro mundo, em suaves colóquios com os santos e as almas boas dos justos que não penaram pela terra, em noites de pavorosa tempestade a sua agonia indizível...

O caso que contou o avô de Eduardo passou-se na encruzilhada dos Caminhos Fundos—um sítio ermo e sombrio, á beira do monte, onde numa manhã de 2 de novembro desse ano remoto, apparecera morto o filho único do ti' João Lisboa—um moço robusto e sadio como um touro barroão.

Vinha da seroada de casa daquela que dentro de breve dias seria sua noiva, e passava ali com o credo na boca, receoso que a *procissão-dos defuntos* o assombrasse no caso de lhe passar á direita, ou as feiticeiras lhe baralhassem o juizo com visões infernais, ou lhe trocassem os caminhos com enganosas negaças.

De repente, quase á beira d'ele, soou uma campainha! Estremeceu de pavor! E o pavor augmentou ao enxergar a curtos passos um fantasma branco de elevada corpulência que se aproximava silencioso e parecia não tocar com os pés no chão...

Eriçaram-se-lhe os cabelos, e, de susto, o coração parou.

O pobre moço baqueou no chão charquento dos Caminhos-Fundos e morreu *assombrado* pela ebantesma branca e silenciosa . . .

Na manhã seguinte, ao dealbar, um pastor que guiava o gado para o monte, fugiu espavorido ao deparar com dois homens estirados no chão: um envolto numa mortalha branca e outro vestido com roupa de grosseira serguelha da terra. Ao chamo do pastor acudiu gente.

Suprema tragédia! O da mortalha era o ti' João Lisboa—nesse ano pregoeiro das Almas, que, ao reconhe-

cer-se assassino involuntário do filho caiu por terra sem sentidos e quase morria de dor . . .

Anos depois, morto já o desventurado da pai, alguém ouviu, nas encruzilhadas dos Caminhos Fundos, uma alma penada que dizia em voz esmorida:

—«Ai! não posso entrar no ceu, porque matei um filho! . . .

(Excerto dum livro inédito.)

Manoel Boaventura,

(do Instituto Histórico do Minho).

Refugium peccatorum

O' Mãe amavel, doce Maria,
Sê nossa guia, sê nossa luz;
E nossas preces ao thronno envia
Do teu Jesus.

Sentenciados ao duro exilio
Que nos assistas nós imploramos.
E procurando valioso auxilio
Por ti chamamos.

Tristes vivendo na desventura,
Nossa tortura bem merecida
Nos torne alegre a mansão futura
Da eterna vida.

Que a fome cesse, cesse a ruina,
Pede a teu Filho que nos escuta;
E extinga a peste e a carnificina
De tanta lucta.

Sirvam de balsamo ás nossas dores,
Entre os horrores d'este momento,
Os teus conselhos, debelladores
Do soffrimento.

Por todo o mundo teu encanto estende.
Todos abrigue teu coração.
E da desdita sempre defende
Esta nação.

Elvira Neves Pereira.

«Fé, Esp'rança e Caridade»...

SONETILHO

A' Excellentissima Senhora
D. Maria das Dores Seixas Toga.

Aurea estrela, és Maria
Flôr ridente e mimosa! . . .
Nos meus sonhos côr de rosa . . .
E's a «fé» que me irradia.

Teu meigo olhar acalenta,
Teu sorriso é de endoidar! . . .
E em infindo pensar.
E's a «esp'rança» que me alenta.

Mas não és a «caridade» . . .
Pois em meu peito, uma frida
Não curas: Oh! que maldade! . . .

Teu coração insofrido,
Não sente, na ogra vida
O que eu tenho sentido . . .

Monção, 16-5.º-918.

Lução Moniz.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—*Utensilios e modelos para desenho e pintura*—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia

Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa Largo S. Julião

19-2.º—Tel. Exp.ª C. 2961. Tel. da Direcção:

C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-

Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoá

de Lanhoso, Terras de Bouro e Vicira

Gabriel Maia

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, culeiaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta saca
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA